

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

KELY CRISTINA PINHEIRO DOS ANJOS

**A FESTA DE SÃO JORGE**  
**UMA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO CULTO AO SANTO NO SUBÚRBIO**  
**CARIOCA – RITO, SINCRETISMO E DEVOÇÃO**

Niterói, 2013

KELY CRISTINA PINHEIRO DOS ANJOS

**A FESTA DE SÃO JORGE  
UMA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO CULTO AO SANTO NO SUBÚRBIO  
CARIOCA – RITO, SINCRETISMO E DEVOÇÃO**

Monografia apresentada como  
requisito final de conclusão do curso  
de graduação em Produção Cultural  
da Universidade Federal Fluminense.

Orientador: Prof<sup>o</sup> M<sup>e</sup> JOÃO LUIZ PEREIRA DOMINGUES

Niterói, 2013

## **RESUMO:**

A proposta deste trabalho tem como objeto de estudo a festa de são Jorge, realizada no bairro de Quintino Bocaiúva, o rito, o culto e o bem simbólico através das relações sociais de proximidade que ela produz no espaço físico da Igreja e suas imediações.

**Palavras Chave:** 1.FESTA 2.SÃO JORGE 3. RITO 4. SINCRETISMO 5. ESPAÇO SOCIAL

**A FESTA DE SÃO JORGE  
UMA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO CULTO AO SANTO NO  
SUBÚRBIO CARIOCA – RITO, SINCRETISMO E DEVOÇÃO**

Monografia apresentada como requisito final ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito final para obtenção do Grau de Bacharel.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>o</sup>. M<sup>e</sup> João Luiz Pereira Domingues**  
**Universidade Federal Fluminense - UFF**  
**Orientador**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Luciane Medeiros de Souza Conrado**  
**Professora Convidada – UFF**

---

**Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup> Ana Paula Soares Pacheco**  
**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB**





## **sUMÁRIO**

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>1.0 METODOLOGIA</b>	<b>8</b>
<b>2.0 – A VIDA DE SÃO JORGE</b>	<b>10</b>
<b>3.0 – ESTUDO DE CASO: A FESTA DE SÃO JORGE</b>	<b>14</b>
<b>3.1- A construção imagética do santo carismático: rito, sincretismo e     devoção a São Jorge</b>	<b>18</b>
<b>3.2 - O Culto ao santo como Bem Simbólico</b>	<b>30</b>
<b>3.3 - Observando o espaço da festa - O trabalho de campo e o Espaço     Social</b>	<b>34</b>
<b>3.4 - A festa como Bem Cultural e as relações de consumo no Espaço     Social</b>	<b>43</b>
<b>3.5 - Ocupando o território – a ação do ordenamento público</b>	<b>48</b>
<b>4.0 - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>57</b>

## **Apresentação**

São Jorge sempre esteve presente na minha vida, em especial no período da minha infância, que foi vivida totalmente no subúrbio carioca, especificamente na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. A imagem do santo, a forma pela qual eram invocadas, as orações, as manifestações de fé e a prática do culto no cotidiano familiar ainda permanece guardada na memória do meu imaginário infantil.

Segundo Teixeira Coelho, em *Dicionário Crítico de Políticas Culturais*, podemos entender a relação entre as imagens, neste caso uma imagem que remete a um período da infância e sua relação comportamental a uma determinada situação, determinando uma relação paralela.

*O imaginário é o conjunto das imagens e relações de imagens produzidas pelo homem a partir, de um lado, de formas tanto quanto possível universais e invariantes – e que derivam de sua inserção física, comportamental, no mundo – e, de outro, de formas geradas em contextos particulares historicamente determináveis. Esses dois eixos não correm paralelos, mas convergem para um ponto em comum onde se dá à articulação entre um e outro e a mútua determinação de um pelo outro (COELHO, 2004, p. 212).*

Eu tinha São Jorge na minha vida, como um grande cavaleiro montado em seu suntuoso cavalo branco, sendo ele capaz de resolver qualquer situação por mais difícil que ela parecesse. A relação de proximidade com o meu grande *herói* fazia com que eu pudesse acreditar que a qualquer momento a sua imagem feita de gesso pudesse tornar-se real e partilhar comigo todos os meus medos e angústias. De certa forma o mito do herói já estava presente em minha vida, mesmo que involuntariamente eu era um membro participante da construção desta trajetória mítica.

Diversas foram às situações em que eu escutava o nome do santo louvado em voz alta pela minha mãe, diante ou próximo de um perigo iminente:



*Valha-me meu São Jorge, meu santo guerreiro!*

Ainda me recordo claramente da sua voz clamando o nome do santo em uma das muitas exclamações de apelo. A sua devoção para mim era motivo de curiosidade e ao mesmo tempo de respeito: como podia uma pessoa ter tanto poder e ser capaz de impedir que tantas situações ruins acontecessem?

A presença de São Jorge sempre fez parte do meu cotidiano, manifestada por meio do culto praticado em minha casa. Sua imagem sempre ocupou lugar de destaque dentro do convívio social de minha família.

A proposta deste trabalho procurará através de um estudo de caso, a festa de São Jorge, o rito, o culto e a figura do santo com bem simbólico refletir as relações sociais que ela produz no espaço físico da Igreja e suas imediações. E é a respeito da festa em homenagem a São Jorge, realizada no bairro de Quintino Bocaiúva, deste santo mártir, ícone popular muito aclamado nas periferias e subúrbios cariocas que tentarei discorrer e abordar nesta monografia.

O Capítulo 1 discorre sobre o Método de pesquisa utilizado, tendo em vista o papel do Produtor Cultural como leitor das diferentes culturas no âmbito da festa. Tendo como instrumentos de verificação o método qualitativo, a observação participante, e entrevistas para a reflexão do objeto eleito, a festa de São Jorge.

O Capítulo 2 falará a respeito da vida de São Jorge, sua entrada para o exercito romano, sua ascensão como Tribuno Militar - patente de Oficial concedida para o comando de uma legião romana - e sua passagem de homem comum à mártir cristão.

O capítulo 3 abordará o Estudo de Caso, a festa de São Jorge realizada no bairro de Quintino. O capítulo abordará as percepções colhidas no Campo, à construção da imagem do santo como Bem Simbólico, o sincretismo presente no culto ao santo, as relações de consumo no espaço social e algumas observações da ação do ordenamento público no espaço da festa.

O Capítulo 4 culmina com as considerações finais a respeito das observações colhidas no objeto de pesquisa, a Festa de São Jorge. E propõe algumas reflexões a respeito do que foi observado durante o período da pesquisa através do olhar do Produtor cultural.

## 1.0 Metodologia

A metodologia utilizada para o processo de pesquisa deste trabalho foi o Estudo de Caso, onde utilizei o método qualitativo, a observação participante, e entrevistas para a reflexão do objeto eleito, a festa de São Jorge realizada pela paróquia de Quintino, localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, nos anos de 2010, 2011 e 2012.

Serviram como instrumento de reflexão as entrevistas realizadas com os frequentadores da festa, os devotos, os comerciantes locais e os trabalhadores informais que ocupam as barracas. A coleta de dados foi realizada durante os dias da festa com o auxílio de algumas imagens registradas e no período anterior a preparação do evento.

Para o melhor entendimento do processo de pesquisa, ratifico que a estrutura metodológica foi articulada no Estudo de Caso Específico, entre:

- Pesquisa histórica – historia do santo
- Leituras de textos com o objetivo de aprofundar o conhecimento no objeto a ser investigado;
- Entrevistas qualitativas, perguntas e respostas, histórias de vida, executadas no processo da análise do trabalho de campo;
- Leitura das imagens (fotografias) registradas durante o trabalho de campo;

A pesquisa histórica a respeito da vida de São Jorge foi extremamente importante, porém difícil de ser realizada, devido a várias interpretações disponíveis que relatam a vida do orago. O levantamento sobre a historiografia do Santo, contribuiu para a compreensão da trajetória de São Jorge e sua transição de homem comum ao mártir católico, o que faz toda diferença na sua adoração por parte dos devotos.

Para o entendimento do objeto a ser analisado foram realizadas leituras de textos que abordam temas de interesse antropológico, tendo como parâmetros os aspectos culturais e sociais, como também, o conceito das formas religiosas; mitos e rituais; identidade cultural; bem simbólico; sincretismo cultural; sociologia e ainda os que abordavam a problemática territorial e o desenvolvimento econômico e

social dos espaços.

Os registros visuais também servirão como instrumentos de investigação. A utilização da imagem como técnica de pesquisa antropológica, serviu para ilustrar a observação dos diversos aspectos simbólicos presentes nos festejos em homenagem ao santo. Desde a missa da alvorada até o encerramento da festividade que culmina com a chegada da procissão da luz.

*Mesmo quando o propósito do uso de imagens na pesquisa possui um cunho mais “documental” de registro de informações e situações de campo, elas podem ser utilizadas no trabalho com uma série de variações. A produção de imagens no âmbito da pesquisa de campo pode, nesse sentido, ater-se a uma aderência “realista”, na qual elas figuram como material comprobatório da presença do antropólogo em campo, um exemplo “palpável” de situações e contextos etnográficos ou ainda como descrições visuais destas mesmas situações. (BARBOSA, 2006, p. 49).*

## 2.0 – A Vida de São Jorge

São Jorge, segundo documentos da igreja, nasceu na antiga Capadócia, região que atualmente pertence à Turquia. De família nobre e cristã, após a morte do pai foi morar com sua mãe na Palestina. Ainda muito jovem seguiu carreira militar como seu pai. Seu caráter, espírito guerreiro e habilidades com as armas lhe renderam ainda muito cedo o título de conde, dado pelo então imperador Diocleciano. Com 23 anos, Jorge recebe também do imperador o título de tribuno militar por sua bravura e coragem, meses após, sua mãe veio a falecer.

Assim começaria o martírio de Jorge. Neste mesmo período em que esteve vivendo na corte do imperador, por ordem de Diocleciano, foram realizados diversos massacres a qualquer povo que era contrário a sua crença pagã. Desta forma, os cristãos passaram a ser um alvo constante das tropas do imperador. Jorge, mesmo ocupando um cargo de prestígio na corte passou a ficar extremamente descontente com a situação e forma pela qual o povo cristão era tratado, principalmente pelas perseguições ordenadas pelo Imperador Diocleciano. Não suportando mais esta situação toma uma atitude radical e renuncia todos os seus bens, doando-os aos mais necessitados.

Embora Jorge ocupasse um cargo importante na corte do Imperador, como dito anteriormente, ele não concordava com seus rituais de perseguição ao Cristianismo. Em virtude de um edito imperial, que pretendia exterminar todos os cristãos que não se convertessem a idolatria dos deuses romanos, Jorge declarou em público a sua fé a um único Deus. E anunciou a todos que os deuses idolatrados nos templos pagãos romanos eram falsos deuses, e que ele próprio só acreditava em uma única verdade, a da fé crista.

Como Jorge mantinha-se fiel ao Cristianismo, o Imperador Diocleciano tentou fazê-lo desistir de sua crença impondo a ele violentas práticas de tortura durante vários dias e por formas diferentes. Após cada tortura, ele era levado diante do imperador, que lhe perguntava se renegaria a Jesus para adorar os ídolos pagãos. Mas a resposta era sempre contrária às ideias do Imperador, pois Jorge reafirmava a sua fé em um único Deus. Esta atitude de Jorge e a determinação em sua fé, fez com que a mulher do imperador romano, diante de tanta determinação e devoção, se convertesse ao cristianismo, gerando uma crise interna no reinado de Diocleciano. Não mais suportando a proporção que este caso alcançou, em 23 de

abril do ano de 303 D.C., Diocleciano mandou degolá-lo, Jorge, na cidade de Nicomédia.

Os restos mortais de Jorge, após o seu degolamento foram transportados para a Lídia, onde o santo foi sepultado, e onde, algum tempo mais tarde o Imperador cristão Constantino, mandou que fosse erguido em sua homenagem um grande oratório para que o santo fosse homenageado. A popularidade do santo cresceu com o decorrer dos anos. Já no século V havia cinco igrejas em Constantinopla dedicadas a São Jorge. As artes também divulgaram amplamente sua imagem. Em Paris, no museu do Louvre, há um quadro muito visitado do artista Rafael, intitulado *São Jorge vencedor do Dragão*. Na Itália, temos notícias de duas obras de coleções particulares, uma do pintor Carpaccio e outra do pintor Donatello.



Figura 1. Exterior da igreja de São Jorge – Ferner – Istambul/Turquia



Figura 2. São Jorge e o dragão (c. 1503–1505) - Óleo sobre madeira (29 × 25 cm) - Museu do Louvre - Paris

São Jorge é considerado mártir pela igreja católica em virtude da sua trajetória de vida, por ter morrido em decorrência da sua fé em acreditar em um só Deus, professando a religião cristã. Historicamente este status de mártir ganhou novos conceitos como morrer em decorrência de uma causa patriótica, ou seja, pela liberdade do seu país ou povo ou até mesmo por um ideal social ou político.

Do ponto de vista cristão, podemos dizer que mártir é aquele indivíduo que preferiu morrer a renunciar à sua fé, por defender a veracidade do que consiste a *Palavra de Deus* entregando a própria vida para este fim, para que a verdade fosse preservada. O que se percebe em relação à imagem de São Jorge é o indiscutível carisma que lhe é atribuído. Desde o tempo do imperador Diocleciano, no ano de 303 D.C., até os dias de hoje. A sua determinação e postura firme diante da vida, é uma das causas de toda a sua popularidade junto aos seus devotos. Não ter se rendido a vontade do Imperador, fez com que seu martírio

fosse inevitável, porém inevitável também se mostrou sua força, fato que se é percebido cada vez mais nos dias de hoje, tamanha a popularidade alcançada.

Como se pode observar em uma de suas orações transcrita abaixo, o que mais se roga é a proteção contra os perigos eminentes, não só das forças externas, alheias a vontade humana, como também dos inimigos presentes no dia a dia de cada um de nós.

*Eu andarei vestido e armado com as armas de São Jorge para que meus inimigos, tendo pés não me alcancem, tendo mãos não me peguem, tendo olhos não me vejam, e nem em pensamentos eles possam me fazer mal. Armas de fogo o meu corpo não alcançarão, facas e lanças se quebrem sem o meu corpo tocar, cordas e correntes se arrebentem sem o meu corpo amarrar. Jesus Cristo me proteja e me defenda com o poder de sua santa e divina graça, Virgem de Nazaré, me cubra com o seu manto sagrado e divino, protegendo-me em todas as minhas dores e aflições, e Deus, com sua divina misericórdia e grande poder, seja meu defensor contra as maldades e perseguições dos meus inimigos. Glorioso São Jorge, em nome de Deus, estenda-me o seu escudo e as suas poderosas armas, defendendo-me com a sua força e com a sua grandeza, e que debaixo das patas de seu fiel ginete meus inimigos fiquem humildes e submissos a vós. Assim seja com o poder de Deus, de Jesus e da falange do Divino Espírito Santo. São Jorge. Rogai por Nós.*

São Jorge, segundo relatos dos documentos católicos teve uma conduta inabalável, foi justo e lutou pela verdade cristã. E por ter sido justo e verdadeiro aos seus princípios, foi condenado a morte, pois sua verdade não era a verdade do poder dominante.

### 3.0 – Estudo de Caso: a festa de São Jorge

O antropólogo Roberto da Matta, em, *O Trabalho de Campo como Rito de Passagem*, sugere a associação dos rituais de passagem aos trabalhos de campo na antropologia. (DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1984, pp.150-173).

Da Matta, fala a respeito do sentido real do significado do que é familiar e exótico. Argumentos também utilizados por Gilberto Velho, e que em algumas situações sugerem sentidos que possuem correlações.

Podemos então analisar o trabalho de campo como uma passagem por dois estágios diferentes entre si, mas, que denotam certa similaridade. Esta passagem se dá por meio do que é familiar, portanto, o que reflete nossa realidade atual, o que é comum para o pesquisador, do que é observado então como exótico, ou seja, a situação desconhecida.

Para Da Matta, essa passagem é formada pelos estágios de retirada, invisibilidade, individualização e laços sociais. Onde, podemos verificar que nos momentos extremos é que acontecem as principais etapas.

Na retirada, ocorre o distanciamento do que temos como familiar, enquanto que no final, estabelecemos ligações sociais com a situação desconhecida, que se torna, dessa forma, familiar. Logo, transformamos o familiar em exótico e o exótico em familiar, finalizando o trabalho de pesquisa.

Em um primeiro momento, compareci a alvorada como uma simples curiosa, na verdade, mais me interessava participar do grande movimento causado pela festa em homenagem ao orago<sup>1</sup> do que qualquer outro interesse como pesquisadora. A princípio este foi o primeiro impulso que me levou ao local da festa, substituído de imediato, logo após o som do toque do clarim que me causou um intenso sentimento efervescente de caráter híbrido, que abrange esta manifestação popular de cunho religioso.

O Toque do clarim chamado de Alvorada é executado por um corneteiro. O corneteiro é um indivíduo que faz parte do quadro de pessoal das forças armadas

---

<sup>1</sup> s.m. O santo que dá nome a uma capela, um templo ou uma freguesia. Invocação. Arruda, Bianca. *As Sagas de Jorge: Festa, Devoção e Simbolismo*/ Bianca Arruda. Rio de Janeiro, 2008. 112 pp., ix pp. Dissertação (mestrado): UFRJ/ Museu Nacional/ Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social., 2008.



que pode estar representando a marinha, exército, aeronáutica ou até mesmo o corpo de bombeiros. O toque da alvorada acontece nos quartéis militares e é tido como um toque de ordem, utilizado para dar início às atividades logo ao amanhecer, por volta das cinco horas da manhã.

O sentido híbrido desta manifestação é evidenciado pela composição do seu território que abriga durante os três dias a festa em homenagem a São Jorge. Neste espaço podemos observar diferentes culturas, crenças religiosas, nível sócio econômico e modos de vida distintos. Esta convivência dentro do mesmo local da festa, por um grupo de indivíduos, em um determinado período de tempo propõe a reconfiguração deste espaço e das relações sociais existentes favorecendo o surgimento de uma nova expressão urbana mediada pela fé.

A missa da Alvorada dá início aos festejos em homenagem ao santo realizada pela igreja de Quintino Bocaiúva na data de 23 de abril. Diversas são as demonstrações de fé preparadas pelos fiéis para louvar São Jorge neste dia, como o toque da alvorada ao amanhecer; as missas realizadas durante todo o dia; a procissão da luz que percorre as ruas do entorno; entre outras, são inúmeras as manifestações de fé e religiosidade em virtude desta data comemorativa.

O que também me causou tamanha impressão foi o número altíssimo de pessoas que se aglomeram diante das escadarias da igreja por volta das 4 horas da manhã, a fim de expressar sua fé perante a imagem do *Guerreiro*. Sim o *Guerreiro*, é desta forma que boa parte dos devotos se refere ao santo. Pessoas de diversas idades, de diferentes gêneros e classes sociais, e também de religiões distintas, compõe o grande público que vai saudá-lo neste dia 23 de abril.

Em conversa com alguns devotos consegui colher informações a respeito do motivo que os levaram até a festa.

*Sou devoto de São Jorge, venho todos os anos até a igreja para pedir paz, saúde, proteção e dinheiro. (Marcos Paulo, segurança, 40 anos).*

*Venho sempre na alvorada e entro na igreja para pedir paz, saúde para mim e toda a minha família em especial para minha mãe. (Eliane da Silva, cozinheira, 58 anos).*

*Já estive presente na igreja várias vezes e acompanho os festejos há vários anos, sou devoto de São Jorge. Após ter escapado da morte reafirmei mais ainda minha fé. Sou policial e só mesmo com muita fé no santo para me manter em pé. Os perigos são muitos... (Eduardo, Policial, 37 anos).*

**O Sr Rubens começou a freqüentar a cerimônia da alvorada por iniciativa de um amigo seu. Quem o trouxe na verdade foi o Edson, que nesta época vinha acompanhado de seu Pai, o Sr Chiquinho.**

**Pode-se observar que o mesmo ritual ao qual Edson foi iniciado, ele repete a cada ano com um novo amigo. Rubens, também vem para festa com a mesma roupa de todos os anos. Neste ano ele só não repetiu o sapato, pois segundo ele seu pé estava inchado, portanto não haveria como vir com o mesmo calçado. Mas, o restante das vestimentas são as mesmas.**

**O grande pedido que ele faz a São Jorge nas sua orações é “de que todos nós tenhamos paz, para podermos andar com tranqüilidade pelas ruas”. Quando o questiono, o porquê de todos beberem a cerveja no final da missa, ele me responde com a voz um tanto quanto indecisa “a cerveja é do homem, é de São Jorge, do guerreiro”. E quando eu mais uma vez o questiono se a bebida é realmente para louvar o santo ele me afirma desta vez com mais firmeza ”é do guerreiro sim”.**

Diversas homenagens são feitas nesta data por diferentes segmentos religiosos como: católicos, umbandistas e candomblecistas. Cada um com seu ritual específico, que por vezes, faz uso de práticas e símbolos que são comuns as diferentes doutrinas. Estas pessoas convivem, consomem e dividem o mesmo espaço físico da festa durante três dias, tempo que dura às comemorações na localidade.

Crianças, jovens, velhos, ricos e pobres, homens e mulheres, todos se unem em um só pensamento em função de um objetivo em comum: celebrar São Jorge. Católicos, umbandistas e candomblecistas ocupam um mesmo espaço territorial. Pude observar durante a festa um grande número de homens como devoto de São Jorge e na sua maioria, estes homens são jovens. Fato este que pude observar

pelo trabalho de campo.

Em torno das comemorações do dia 23 de abril, são montados altares por seus devotos em locais públicos, organizam-se procissões, queima de fogos, feijoadas e rodas de samba. Para os devotos, suas comemorações devem ser sempre adornadas de muitas alegrias, tal fato é confirmado por meio de tantas celebrações em seu nome.

Muito além das fronteiras religiosas, São Jorge virou um ícone popular, especialmente na cidade do Rio de Janeiro e em alguns pontos da região da Baixada Fluminense. Vale ressaltar que neste trabalho de pesquisa especificamente trataremos das comemorações realizadas no bairro de Quintino Boicaúva (nos anos de 2010/2011/2012) no espaço da festa realizada pela Igreja de São Jorge.

### *3.1 - A construção imagética do santo carismático: rito, sincretismo e devoção a São Jorge.*

O feito de São Jorge em renunciar a sua própria vida em virtude da sua crença e fé, a superação dos seus próprios limites e da dor física, o idealismo e a nobreza do seu caráter, a atitude de defesa em relação aos mais fracos e o senso de justiça, inspiram modelos arquetípicos presentes em várias culturas, cultos e religiões distintas. Neste caso específico, analiso a questão sincrética pelo olhar da religião afro-brasileira, o candomblé e sua relação com os santos de devoção católica.

A inspiração heroica surge muitas vezes por meio da problemática imposta por um ambiente ou situação adversa, cuja solução exige um feito grandioso ou um esforço extraordinário, tal qual o sacrifício da própria vida, neste caso específico, que culminou com a canonização e o surgimento de um novo santo.

Prendo-me de certa forma a esta questão porque acredito na sua relação direta com a aclamação do santo por grande parte da população nos dias atuais. Esta problemática é evidenciada e reforçada pela ideia de ser São Jorge um grande guerreiro, jovem e destemido, vencedor de inúmeras batalhas. Seria este o representante que todo e qualquer povo anseia na resolução dos seus problemas? São Jorge surge como o cavaleiro ou melhor o guardião guerreiro que de certa

forma todos gostariam de ter ao seu lado.

A popularidade de São Jorge é fomentada pelos valores que são atribuídos ao seu poder de divindade simbolizado na figura - neste caso, entende-se como a figura a estátua usada para simbolizar o culto religioso - do cavaleiro que vence a batalha contra o dragão. Sua postura digna e conduta inabalável são alguns dos fatores que fortalecem e representam sua imagem<sup>2</sup> diante dos seus devotos.

Como um dos exemplos, podemos citar o caso de Edson, que possui extrema devoção pelo santo. Na verdade ele segue uma tradição familiar. Seu pai vinha enquanto vivo todos os anos para a festa e sempre o trazia. Nesta família existe uma particularidade, todos os homens são iniciados no culto a São Jorge. Os pais trazem seus filhos na Alvorada quando atingem uma certa idade, por volta dos 13 anos e os apresentam a São Jorge. Todos usam um anel que tem como símbolo a imagem do santo.

Edson já vem há mais de vinte anos e todos os anos ele repete a mesma roupa e sapato. A blusa é vermelha e a calça e o sapato branco. Ele faz parte de um grupo chamado *amigos do guerreiro* onde todos se encontram sempre no dia 23 na cerimônia da alvorada. Juntos eles bebem cerveja para salvar o santo, contam histórias, falam de suas vidas e reafirmam a sua fé.

É comum a cada ano cada membro deste grupo trazer uma pessoa para ser iniciada no culto. Neste ano, Edson traz uma imagem que ele próprio presenteará um amigo, amigo este que ele diz que trará na próxima festa do guerreiro. Ele também está acompanhado de seu filho mais velho, Gustavo que tem 18 anos. Gustavo, também usa o anel com o símbolo do santo e suas vestimentas também tem as cores vermelha e branca.

Durante o tempo em que conversei com Edson, ele insistiu que eu fale com o Sr<sup>o</sup> Rubens, ele mesmo diz:

*Mas devoto do que eu só o Rubens, amigos de muitas datas e longas caminhadas...*

O Sr Rubens começou a frequentar a cerimônia da alvorada por iniciativa de um amigo seu, muito querido, segundo ele. Quem o trouxe na verdade foi

---

2

Edson, que nesta época vinha acompanhado de seu Pai, o Sr Chiquinho. Pode-se observar que o mesmo ritual ao qual Edson foi iniciado, ele repete a cada ano com um novo amigo. Rubens, também vem para festa com a mesma roupa de todos os anos. Neste ano ele só não repetiu o sapato, pois segundo ele *seu pé estava inchado*, portanto não haveria como vir com o mesmo calçado. Mas, o restante das vestimentas são as mesmas. O grande pedido que ele faz a São Jorge nas suas orações é o mesmo de sempre, segundo ele:

*de que todos nós tenhamos paz, para podermos andar com tranquilidade pelas ruas*

Quando o questiono, o porquê de todos beberem a cerveja no final da missa, ele me responde com a voz um tanto quanto indecisa:

*a cerveja é do homem, é de São Jorge, do Guerreiro...Você sabe né...é do Guerreiro sim.*

E quando eu mais uma vez o questiono se a bebida é realmente para louvar um santo católico ele me afirma desta vez cantando os seguintes versos:

*Se meu pai é Ogum, Ogum!  
vencedor de demanda  
quando chega no reino  
é pra saudar filhos de Umbanda  
ele trazia escudo no peito  
e uma lança na mão  
Ogum guerreiou e matou um dragão  
Salve São Jorge o protetor!*

A adoração a São Jorge nos dias de hoje também é explicada, ou melhor, cantada, por diversos compositores. Desde consagrados autores até a nova geração da MPB. Podemos dizer que São Jorge é constantemente homenageado em várias letras de música. Como exemplo, temos a composição de cinco músicos brasileiros, Jorge Mautner, Jorge Aragão, Jorge Vercilo, Seu Jorge e Jorge Benjor que atendem pelo nome de Jorge e declaram-se devotos do santo, e juntos

escreveram a letra.

*Independente de cada um, a devoção na mídia foi com ele...*

*(Fala de Jorge Aragão em relação a devoção de Jorge Benjor a São Jorge e sua propulsão na mídia. Entrevista exibida no programa SARAU da Globo News, em 02/05/2009. <http://www.youtube.com/watch?v=ZOEaNfpRrArA>)*

A música *Líder dos Templários*, lançada em abril de 2007 em um show ao vivo na praia de Copacabana, projeto da gravadora EMI, fala da devoção de um povo, do poder de um santo guerreiro, que está na mesma esfera de seus fies, São Jorge apesar de uma figura divina, se faz muito próximo da vida humana. De certa forma, acredito que esta proximidade se dá ao fato deste santo católico agregar para si poderes milagrosos de que tanto faz falta atualmente para a população de modo geral. São Jorge seria o grande defensor, o guerreiro que vence todas as batalhas contra o mal e que neste caso está totalmente ligado à falta de segurança e a violência desmedida pela qual a sociedade vem sendo vitimada.

Ao observamos a letra desta música podemos identificar elementos de grande relevância no que se refere à questão sincrética que envolve o culto ao santo e ainda sua grande identificação junto aos seus devotos e a aproximação do mito do herói.

*Líder dos Templários*

*Tem fé que Jorge é de ajudar*

*A todo Brasileiro, Brasileiro guerreiro*

*São Jorge cavaleiro da flor,*

*São Jorge protetor, protetor, protetor*

*Oxossi da mata, Ogum do ferro*

*Salamãleico, âleicon, salamalan*

*Estórias de um Santo lutador*

*Líder soberano dos templários*

*No povo a sua força se perpetuou*

*E hoje vive em nosso imaginário,  
E hoje vive em nosso imaginário  
Mas todo imaginário tem valor  
E pode transformar esse cenário  
A mente criadora é um dom maior  
Naqueles que são revolucionários  
Naqueles que são revolucionários  
Tem fé que Jorge é de ajudar  
A todo Brasileiro, Brasileiro guerreiro*

*Eu sou cavaleiro da flor,  
São Jorge protetor, protetor, protetor  
São Jorge protetor, protetor, protetor  
O terreno ambíguo  
Por que ele é um herói  
Ele tem pulsações humanas  
E é por isso que ele é tão querido  
Em todos os lugares,  
Pelas crianças, pela população  
Estórias de um Santo lutador  
Líder soberano dos templários  
No povo a sua força se perpetuou  
E hoje vive em nosso imaginário,  
E hoje vive em nosso imaginário  
Mas todo imaginário tem valor  
E pode transformar esse cenário  
A mente criadora é um dom maior  
Naqueles que são revolucionários*

*Naqueles que são revolucionários*  
*Tem fé que Jorge é de ajudar*  
*A todo brasileiro, brasileiro guerreiro*  
*Eu sou cavaleiro da flor*  
*São Jorge protetor, protetor*  
*Protetor*  
*Tem fé que Jorge é de ajudar*  
*A todo brasileiro, brasileiro guerreiro*  
*Eu sou cavaleiro da flor*  
*São Jorge protetor, protetor*  
*Protetor*  
*São Jorge protetor, protetor*  
*Protetor*  
*São Jorge protetor, protetor*  
*Protetor*  
*De Camões a Fernando Pessoa*  
*Nós somos resultado*  
*Dessa peregrinação longínqua*  
*De combates e de glórias*  
*De afirmação do bem contra o mal,*  
*E mesmo na era cibernética,*  
*No mundo digital, no holograma*  
*Ali está São Jorge*  
*Triunfante lá na frente de todos nós,*  
*É a pipoca da pororoca da imaginação*  
*Tem fé que Jorge é de ajudar*  
*A todo brasileiro, brasileiro guerreiro,*  
*Eu sou cavaleiro da flor*



*São Jorge protetor, protetor, protetor*

*Tem fé que Jorge é de ajudar*

*A todo brasileiro, brasileiro guerreiro*

*São Jorge cavaleiro da flor*

*São Jorge protetor, protetor, protetor*

*São Jorge protetor, protetor, protetor*

*São Jorge Guerreiro*

*Santo salvador*

*Saravá, dorôfé, motumbá*

*Vem nos ajudar*

*Vem curar a dor*

*Vem nos ajudar*

*Salamâleico, âleicon, salamalan (que a paz de Deus esteja contigo)*

*Shalon shalon*

*Amém*

*Santo Salvador*

O sincretismo cultural pode ser entendido como um fenômeno de característica religiosa. Como os demais elementos de uma cultura, a religião constitui uma síntese que integra e engloba os conteúdos de diversas culturas e origens. No caso das religiões afro-brasileiras e neste contexto podemos falar que este fato não diminui e nem esvazia a sua prática, mas engrandece o domínio da religião, como ponto de encontro e de convergência entre tradições diversificadas.

*O sincretismo cultural está dividido em uma forma de combinação de diferentes crenças e práticas e também como forma de um sincretismo totalizante. O sincretismo totalizante, que procura integrar, num mesmo corpo, componentes de variada extração com a finalidade de conseguir uma unanimidade, é manifestação de autoritarismo, e, como tal,*

*pode ser encontrado subregimes como o fascismo e nazismo. Neste sentido, o sincretismo totalizante é o oposto da modernidade cultural que privilegia a diversidade e a discordância tolerante de crenças, práticas e pontos de vista como forma de desenvolvimento do conhecimento e da expressão. (COELHO, 2004, p.344).*

Costuma-se atribuir também o termo sincretismo cultural em nosso país, quase que exclusivamente ao Catolicismo. Mas o sincretismo está presente tanto na Umbanda, como em outras tradições religiosas africanas, como o Candomblé por exemplo.

Na Umbanda, especialmente na cidade do Rio de Janeiro e outros estados do Brasil como Rio Grande do Sul e São Paulo, São Jorge é identificado ou melhor, sincretizado como Ogum. Já na Bahia, Ogum está relacionado a Santo Antônio. No cenário das religiões afro-brasileiras as diferentes denominações estão diretamente ligadas às posições geográficas em que o culto está localizado e de acordo também com a vinda dos negros como escravos para o Brasil na época da colônia. A colonização portuguesa coibiu a prática da religião africana, ficando o negro em posição não só de desigualdade social como espiritual.

O sentido de sincretismo hoje no Brasil encontra-se muito difundido por entre as manifestações de fé da sociedade. Ainda mais se considerarmos a pluralidade e diversidade sociocultural que compões a nossa sociedade. Essa pluralidade é perfeitamente percebida durante todos os festejos em homenagem ao santo, que vão desde a cerimônia da alvorada as procissões realizadas pelas ruas do bairro de Quintino.

Algumas imagens registradas durante os festejos em homenagem ao santo mostram este encontro de forma clara, que se torna ainda mais evidente através da construção simbólica, por meio dos elementos que constituem a prática desta manifestação religiosa.



Figura 3

Imagem feita no dia 23 de abril no bairro da Abolição, subúrbio do rio de janeiro. Trata-se de um altar montado em uma calçada onde um grupo de amigos se reúne para prestar homenagem ao santo.

Junto à imagem de são Jorge, encontramos uma garrafa de cerveja, além de flores. É comum aos devotos de São Jorge salvarem o santo bebendo cerveja e também oferecendo a bebida como forma de oferenda.

Neste caso, pode-se observar o encontro do sagrado e do profano em um culto público, pois o altar é aberto para que qualquer pessoa possa fazer suas orações.

O sincretismo cultural também se faz presente, pois, também é uma prática, na Umbanda, onde São Jorge é sincretizado como Ogum, oferecer cerveja a Ogum, neste caso personificado na imagem do santo católico.

Nas cerimônias do Candomblé em homenagem a Ogum, é sinal de prosperidade, alegria e axé ao final da cerimônia religiosa ser oferecido cerveja aos convidados e filhos de santo como parte das comemorações.



Figura 4

Nesta imagem temos o registro da procissão de São Jorge realizada pela igreja

de Quintino. A procissão acontece no dia 23 de abril, sempre na parte da tarde. Este homem, vestido de terno branco e chapéu panamá, nos lembra muito a figura de um malandro. Ele sempre vem à frente da procissão de forma a organizá-la. Este mesmo “personagem” também participa da cerimônia da alvorada com a mesma vestimenta. Suas vestes, seu traquejo e gingado lembram muito o malandro Zé Pelintra, figura presente nas gírias de “povo de rua” (como alguns preferem chamar) ou Exu, nas cerimônias da Umbanda.

Zé Pelintra tem como uma das suas funções, a de ser o mensageiro dos Orixás. São eles os Exus, que “abrem os caminhos” e dão passagem pelas encruzilhadas aos seus seguidores. Estaria ele à frente da procissão abrindo os caminhos e encaminhando os pedidos dos devotos?

Ogum, segundo a religião loruba, caminha junto a Exu, sendo ele Ogum o dono de todas as estradas, o senhor dos caminhos, além do grande Guerreiro forjador do aço.

Na ordem do Xirê<sup>3</sup>, Exu sempre vem à frente de todos os orixás, sendo Ogum, o seu sucessor.



Figura 5

Imagem da procissão do centro de Umbanda, Templo de Oxossi, em homenagem a São Jorge, pelas ruas do subúrbio do rio de Janeiro, no bairro de Pilares. Durante a procissão eles param em frente à igreja católica de São Benedito e fazem todo um ritual. O corneteiro que acompanha a procissão executa o toque da alvorada, ao final todos gritam: Salve Ogum, Salve São Jorge, entoando cantigas de Umbanda, dançando e celebrando.

---

<sup>3</sup> Xirê: Ordem, sequência de culto aos Orixás. Não se trata de hierarquia, o Xirê determinada à ordem em que os Orixás serão louvados. Devido a sua especificidade, cada Orixá deverá ser cultuado seguindo a sequência do Xirê. O Xirê começa com a saudação a Exu e termina com Oxalá.

O mais interessante é que esta manifestação em frente a uma igreja não é feita de forma provocativa e sim de forma a enaltecer não tão somente a Ogum, mas sim a todos os santos católicos que são invocados durante este momento. Uma curiosidade é que assim como os santos católicos são louvados, também é feito a homenagem ao orixá correspondente na Umbanda. Se os devotos gritam, salve São Jorge, também é dito Salve Ogum... Salve Santa Bárbara, Salve Iansã... Salve São Sebastião, Salve Oxossi... O profano e o sagrado dialogam mais uma vez, de forma única.

O sincretismo cultural foi e hoje ainda é bastante utilizado por nossa sociedade por meio de um culto velado, muito incentivado pela marginalização das religiões afro-brasileiras, que desde os tempos colônias disfarçavam-se por de trás das máscaras da religião predominante dos senhores de engenho, o catolicismo.

Segundo o antropólogo holandês André Droogers (1989)<sup>4</sup>, o termo sincretismo possui duplo sentido. É usado com significado objetivo, neutro e descritivo, de mistura de religiões, e com significado subjetivo que inclui a avaliação de tal mistura. Se analisarmos desta forma podemos então dizer que todas as religiões de certa forma são sincréticas, pois representam o resultado de grandes sínteses que integrando elementos de várias procedências e de culturas diversas, forma um todo novo.

Provavelmente no período colonial esta devoção teria se originado da estratégia de aceitar a dominação, como forma possível de sobrevivência numa sociedade opressora. Atualmente esta estratégia não se faz mais necessária numa sociedade pluralista, em que se discutem direitos das minorias e se prega a igualdade. Podemos dizer que o sincretismo se tornou um elemento essencial de todas as formas de religião, estando muito presente na religiosidade popular, nas procissões, nas comemorações dos santos, nas diversas formas de pagamento de promessas, nas festas populares de uma forma em geral.

É possível constatamos que o sincretismo constitui uma das características centrais das festas religiosas populares. Por meio do sincretismo cultural, podemos dizer que as religiões afro-brasileiras têm algo de africano e de brasileiras, sendo, porém distintas das matrizes que as geraram.

---

<sup>4</sup> DROOGERS, André. Dialogue and Syncretism: An Interdisciplinary Approach. Amsterdam: William B. Eerdmans Publishing Co. and Editions Rodopi; Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1989, pp. 7- 25.

*Para se viver no Brasil, mesmo sendo escravo, e principalmente depois, sendo negro livre, era indispensável, antes de mais nada, ser católico. Por isso, os negros no Brasil que cultuavam as religiões africanas dos orixás, voduns e inquices se diziam católicos e se comportavam como tais. Além dos rituais de seus ancestrais, frequentavam também os ritos católicos. Continuaram sendo e se dizendo católicos, mesmo com o advento da República, quando o catolicismo perdeu a condição de religião oficial. (PRANDI, 2001, p. 12).*

A assimilação do Santo e do Orixá era aparente e, inicialmente, serviu para encobrir a verdadeira devoção aos Orixás, pois no caso dos cânticos, eram efetuados em língua natural dos escravos, o idioma loruba, que ninguém entendia. Sua aceitação não interferiu nos ritos de forma direta a ponto de reverter e modificar o que deveria ser feito. Mas não existem dúvidas de que esta prática imperialista levou muitos negros a abandonarem suas crenças, dedicando-se a aceitar a evangelização, tornando-se católicos.

Deste cenário multicultural e sincrético, surgem as missas em homenagem aos Santos católicos, uma prática muito utilizada na cultura baiana, que antecedia as festividades dos Orixás por eles identificados. Este procedimento pode ser entendido como uma aparente aceitação católica e também como forma de resistência e preservação das religiões africanas.

De certa forma, este tipo de culto, transcorreu durante anos, atravessando a barreira opressora da sociedade dominante, dando origem a um novo tipo de adoração e devoção, mais aceitável no período colonial, ainda hoje praticada por grande parte da sociedade.

E bem verdade que nos dias atuais este preconceito tem diminuído expressivamente, falar do culto aos Orixás, da religião afro-brasileira está muito em voga atualmente.

Conhecer esses modos de celebrar o culto a São Jorge a partir de suas perspectivas singulares foi o primeiro passo para o entendimento e respeito à fé e diversidade das crenças que identificam os diferentes grupos humanos religiosos que compõe a nossa sociedade e principalmente o que compõe o território da festa, meu objeto de pesquisa neste momento.

O encontro da fé e crenças religiosas distintas é parte integrante deste território híbrido, concebido pela mistura de gêneros, com a capacidade única de assimilar culturas diversas e criar a sua identidade de forma única. Sabemos que historicamente esta mistura não foi feita de forma democrática, mas, é possível mapear culturalmente que esta identidade encontrou um caminho.

No Brasil, as expressões religiosas vindas da Europa, e neste caso falo do catolicismo, misturou-se a religiões de outras origens, em especial o candomblé vindo da África. Que juntas instituem santos que se correspondem e refletem as vertentes da nossa fé. Desta forma, emerge um diálogo entre os santos de devoção católica e seus pares de devoção afro-brasileira.

A figura de São Jorge, desde os tempos do império, constituiu um poder paralelo, de resistência à ordem decretada, este poder resistiu até o último momento e trouxe consigo os princípios e desejos de uma classe desfavorecida, neste contexto histórico representado pelos cristãos do período de Diocleciano. Seu potencial carismático é amplamente observado por meio do seu culto nos dias de hoje, e em parte podemos justifica-lo pela forma como ele ascendeu de indivíduo comum a categoria de homem santificado e de como sua figura e os elementos que a compõe, inspiram formas e modelos sincréticos.

### *3.2 O Culto ao santo como Bem simbólico*

O culto a São Jorge, nos dias de festa, não se resume apenas a realização de missas e a procissões, como acontece com alguns outros santos católicos, para São Jorge, segundo os seus devotos, é preciso ter muito “barulho”, por este motivo são organizadas extensas queimas de fogos em sua homenagem, e também é este para muitos, o ponto alto da sua festa. As queimas de fogos são uma parte importante do ritual realizado em homenagem ao santo. Elas possuem extremo valor simbólico dentro das comemorações. Independente do tamanho e grandiosidade que elas alcancem. O devoto, *Preguinho*, em uma das entrevistas realizadas no Campo, me explica o porquê da queima de fogos. Preguinho participa do grupo que é responsável pela queima de fogos desde 2003, realizada durante a Alvorada em Quintino.

*São Jorge era um soldado romano, por isso os fogos são às 5h da manhã... essa é a hora da alvorada nos quartéis para os militares...é preciso barulho para acordar a todos por isso tantos fogos...e também é uma forma de saudarmos o nosso guerreiro com muita alegria...a gente só solta fogos quando está alegre né minha filha...(entrevista realizada com o devoto Márcio Machado da Cunha, mais conhecido como Preguinho, que integra o G.A.S.J.Q.- Grupo Alvorada São Jorge de Quintino ).*

A popularidade alcançada pelo santo católico despertou o meu questionamento a cerca do que gera tanta mobilização na preparação e organização deste espaço para a celebração e também das distintas relações construídas a partir deste movimento.

Para um entendimento do culto ao santo como bem simbólico foi necessária a observação da prática do seu culto não tão somente no território da festa assim como a sua prática nos arredores da localidade. Tomarei como base neste estudo a ideia de *Bem Simbólico* utilizada por Bourdieu (BOURDIEU, 2007).

Para Bourdieu, um bem simbólico é configurado quando atribuímos a um objeto artístico e ou cultural um valor mercantil, regido pelas leis de mercado, e a este resulta o status de mercadoria. Ainda de acordo com Bourdieu, estes objetos formam um grupo consumidor, assim como o de produtores de bens simbólicos. Este grupo de consumidores e produtores ocupa o espaço da festa durante os três dias de comemorações.

Nos dias de hoje é observado um extenso números de produtos de moda onde podemos encontrar a figura de São Jorge estampada. Vão desde camisas, anéis, pingentes, adesivos de carros, até mesmo bolsas de marcas conceituadas, como a do estilista Gilson Martins, ícone carioca de estamparia de bolsas e acessórios. A figura do orago também adorna boa parte do corpo dos seus devotos por meio das tatuagens, uma das preferidas pelos homens.

Em sua homenagem são compostas belas canções que falam da sua bravura e de todo o seu feito glorioso como podemos destacar *Jorge da Capadócia* (Jorge Benjor); *Ogum* (Zeca Pagodinho), esta última de cunho bastante sincrético



que relata a devoção a Ogum, orixá da cultura afro-brasileira sincretizado amplamente como São Jorge na cidade do rio de Janeiro.

A popularidade de São Jorge é fomentada pelos valores que são atribuídos ao seu poder de divindade simbolizado na figura do cavaleiro que vence a batalha contra o dragão. Sua postura digna e conduta inabalável são alguns dos fatores que fortalecem e representam sua figura diante dos seus devotos. A compreensão deste evento religioso exige uma observação que vai além da prática religiosa em si, do culto e da forma de adoração.

É possível notar uma publicização da figura do santo, que extrapola os muros da igreja e ocupa de forma expressiva o cotidiano urbano dos frequentadores da festa, principalmente os que residem próximo à localidade, os vizinhos da festa. Rita Amaral em *Xiré! O modo de crer e viver no candomblé* destaca a estrutura dos grupos organizados e seu entendimento como a saída para a questão antropológica de grupos sociais mais complexos.

*Uma das maneiras de compreendermos o fenômeno religioso em contexto urbano, e, portanto a religião e a cidade em suas dinâmicas específicas e integradas, é proceder aos estudos dos modos de vida de cada grupo religioso a partir da investigação cuidadosa, de seu cotidiano no trabalho, no lazer, na escola, na família, suas preferências, participação política, participação em outros grupos, etc. e do quanto à religião fornece as matizes para uma nova escolha. O estudo da estrutura dos grupos informalmente organizados é a chave para o desenvolvimento de uma antropologia das sociedades complexas, pois a complexidades, pode ser deslindada com o desenvolvimento da formulação simples. (AMARAL, 2002, p.112).*

Durante o trabalho de campo, foram registradas algumas imagens que mostram a figura do santo sendo homenageada fora do espaço da igreja – a publicização do culto - e ainda adornando produtos que são comercializados no espaço da festa.



Figura 6 - Altar de rua / Praça em Quintino Bocaiúva, próximo a Rua Goiás.



Figura 7 - Altar de rua / Rua Goiás; transversal a Clarimundo de Melo.



Figura 8 - Santos e imagens / produtos comercializados no espaço da festa



Figura 9 - Fitas devocionais / produtos comercializados no espaço da festa



Figura 10 - Camisas grafitadas / produtos comercializados no espaço da festa

### 3.3 - Observando o espaço da festa - O trabalho de campo e o espaço social

Quintino Bocaiúva é um dos muitos bairros que compõem a Zona Norte do Rio de Janeiro, uma região que começou a se desenvolver no final do século XIX ao longo da estação ferroviária. O nome do bairro é uma homenagem feita ao jornalista e político republicano, morador da localidade, que faleceu em 1912. Quintino Antônio Ferreira de Sousa, que adotou o nome indígena Bocaiúva para reafirmar seu nacionalismo.

Para entender melhor a estrutura social da localidade, busquei a coleta de alguns dados no Instituto de pesquisas Pereira Passos onde foi possível analisar o perfil sócio econômico da população local.

De acordo com esses dados, é possível observar o que se segue:

<b>Nível de escolaridade por chefes de domicílio no bairro</b>	<b>Renda familiar</b>
12,26 % dos chefes de domicílio com menos de quatro anos de estudo;	24,32 % dos chefes de domicílio com renda até dois salários mínimos;
9,87 % dos chefes de domicílio com 15 anos ou mais de estudo;	17,07 % dos chefes de domicílio com rendimento igual ou superior a 10 salários mínimos;
2,51 % de analfabetismo em maiores de 15 anos;	6,37 é o rendimento médio dos chefes de domicílio em salários mínimos.

Tabela 1. **Nível de escolaridade e renda familiar em Quintino Bocaiúva - RJ**

Fonte: Tabela 2248 – Índice de Desenvolvimento Social (IDS) e seus indicadores constituintes por bairro – Município do Rio de Janeiro – 2000.

O bairro ainda é ladeado por um complexo de favelas que compreende o Morro do Saçu, dos Telégrafos, o morro do Dezoito, a favela Lemos Brito, o Morro da Caixa d'água e do Fubá. A título de informação, nenhuma dessas localidades possui Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) até a finalização deste trabalho.

A Rua Clarimundo de Melo, onde fica localizada a igreja é uma das principais vias da região, por onde circulam diariamente centenas de ônibus e automóveis.

Existem nessa via escolas, empresas, fábricas e serviços de saúde. No trecho em que está localizada a igreja de São Jorge observei uma grande concentração de bares e restaurantes, estabelecimentos que aumentam em até 70% sua renda líquida durante o período da festa, segundo as informações dos seus proprietários.

Já faz parte do cotidiano dos bairros do subúrbio carioca este tipo de mobilização social em virtude de uma manifestação religiosa, neste caso específico a festa de São Jorge, que envolve toda uma comunidade, ultrapassando a já existente rede social organizada dentro dos muros da igreja junto aos paroquianos.

O que podemos observar é um tipo de cultura muito particular da localidade. A relação de proximidade entre os vizinhos em prol de um objetivo comum, o sentimento de cooperação mútua promove a organização da festa nos arredores da igreja. Para o antropólogo Roberto Da Matta, o sentido da palavra cultura expressa *o modo de ser e viver de cada indivíduo em sociedade*. E é este modo de viver onde as afinidades são perceptíveis, que aproxima os indivíduos possibilitando formas de pensar similares traduzidas em uma mesma cultura.

*A construção de uma identidade social, então, como a construção de uma sociedade, é feita de afirmativas e de negativas diante de certas questões... Ou, como se diz em linguagem antropológica, a cultura ou ideologia de cada sociedade. Porque, para mim, a palavra cultura exprime precisamente um estilo, um modo e um jeito, repito, de fazer coisas. (DA MATTA, 1986, p. 15)*

As ações elaboradas na produção da festa como a procissão dos fiéis; a cerimônia da alvorada; a montagem das barracas; a preparação das missas; a colocação das bandeirinhas que enfeitam as ruas próximas à igreja; a queima de fogos; entre outras tantas ações que fazem parte desta grande festa, mostram o sincronismo entre os moradores do entorno.

Em conversa com alguns moradores do local, muitos me afirmaram que a festa para São Jorge também inclui a ornamentação feita pelas ruas próximas à igreja. Segundo D. Josefa, moradora do bairro há 25 anos.

*Existe muito trabalho fora dos muros da igreja, pois onde passa a procissão tem o trabalho de toda a vizinhança!*

A localidade é marcada simbolicamente por ser o bairro onde nasceu e viveu durante a sua juventude o jogador de futebol Zico, o galinho de Quintino e por promover uma das maiores festas da cidade do Rio de Janeiro em homenagem a São Jorge. Mesmo com o grande aumento das religiões protestantes, no bairro de Quintino, segundo dados do IBGE de 2010, aproximadamente 73% dos moradores da localidade onde o bairro está situado se declaram católicos.

Cheguei à igreja de Quintino por volta das 20h37min do dia 22 de abril. Já era possível notar um grande número de barracas montadas na Rua Clarimundo de Melo, o movimento de circulação das pessoas já se tornava expressivo.

Na caminhada até a igreja pude observar um grande número de barracas que vendiam diversos tipos de comida, bebidas, camisas com a imagem de São Jorge, lembrancinhas com a oração do santo, imagens em gesso, terços, quadros, rosas e a tradicional crista de Galo. Um tipo de flor, que é muito utilizada, por parte dos devotos, como forma de oferenda a São Jorge, seu formato lembra o de uma crina de cavalo.

A cor predominante tanto nas vestimentas dos devotos, quanto na decoração das ruas em torno da igreja é o vermelho – em maior quantidade - e branco que também está presente em todos os objetos vendidos pelas barracas. O vermelho, cor forte, que segundo os fieis representa o fogo, é também símbolo do que é vivo e remete a vida em harmonia com o branco, à paz, que dá o colorido desta festa.

Ao chegar à igreja me direcionei ao Padre Marcelino, que é o responsável pela paróquia. O padre Marcelino me informou que existe uma pessoa que faz parte da equipe da organização da festa e que está na paróquia desde a sua fundação. Fui também informado por ele que a procissão começaria às 16h do dia seguinte. Era possível notar que dentro da igreja já existia um número grande de pessoas que estavam circulando, principalmente próximo a imagem do santo. A impressão que tive foi de que esta seria a imagem que sairia em cortejo pelas ruas em procissão, a mesma já estava adornada com rosas e palmas vermelhas, brancas e amarelas. Também presa à imagem existia uma capa de um tecido brilhante de duas cores, vermelha por dentro e branca na parte externa.



Figura 11- Imagem de São Jorge (interior da igreja)



Figura 12 - Pátio interno da igreja

Continuei pela igreja e isso já era por volta das 21h10min. A minha intenção era observar um pouco mais o movimento e voltar para a alvorada por volta das 04h da manhã. Permaneci até às 21h35min na rua que dá acesso a paróquia depois me retirei para voltar mais tarde.

Retornei ao bairro de Quintino por volta das 3h30h da manhã, e observei um número cada vez mais crescente de pessoas que vem para assistir a missa da alvorada. Começo a perceber que o espaço de circulação é reduzido ao máximo. Fica praticamente impossível transitar de carro pelas ruas que ficam ao entorno da igreja. No primeiro ano que acompanhei a festa, em 2009, ainda era permitido estacionar nas ruas próximas a igreja. Já nos anos seguintes, esta prática fica totalmente proibida. Em 2010 a prefeitura do Rio de Janeiro, junto a Secretaria de Ordem Pública, a SEOP, passou a reorganizar o espaço da festa, por meio da

ação de ordenamento público. Para facilitar o estacionamento das pessoas que vão à festa de carro a prefeitura disponibiliza gratuitamente o espaço da Escola Técnica Profissionalizante, o CETEP de Quintino. As ruas próximas à igreja ficam totalmente bloqueadas.

Ao subir as escadarias escuto a voz de padre Marcelino que diz aos presentes a seguinte frase: “*Católico não adora imagem, católico a venera.*”. Embora o padre faça a questão de falar isto a todo o momento, o que se vê nestes três dias de festas são diversas imagens sendo adoradas e veneradas por seus fieis.



Figura 13 - Pátio interno da igreja, minutos antes do início da missa da alvorada.

Por volta das 04h 52 é feita uma oração para São Jorge, e logo em seguida começa o toque da alvorada. O toque da alvorada foi executado por um corneteiro do corpo de bombeiros do Rio de Janeiro, o toque dura em média de 2 a 3 minutos. O som do clarim ecoa por todo o pátio da igreja e o silêncio entre os milhares de devotos se torna absoluto.

Neste momento todo o pátio da igreja, a rua que dá acesso à paróquia, as escadarias, estão repletas de pessoas. Fica impossível olhar um espaço vazio no chão, milhares de pessoas se aglomeram para ver a queima de fogos que acontecerá em frente à igreja, logo após o toque da alvorada. Ao olhar para os lados é possível observar muitas pessoas segurando imagens do santo, carteiras de trabalho, fotos, cordões com a medalha de São Jorge, enfim, todo e qualquer objeto que precisa ser abençoado e que possa vir a garantir a proteção do santo.





Figura 14 - Escadaria que dá acesso a da igreja durante a missa da alvorada

O que se pode observar durante a cerimônia da Alvorada é a imagem de uma catarse coletiva. Um culto público, democrático, que vai muito além dos dogmas religiosos de qualquer doutrina. São Jorge emerge da condição de santo católico e torna-se o santo de todos. Não mais como o santo sincretizado pela umbanda e também reconhecido no candomblé como Ogum. É como se sua figura tivesse uma existência própria, acima de todas estas religiões, sua imagem ultrapassa as barreiras religiosas.

É possível observar que espíritas, umbandistas, candomblecistas e cristãos, todos estão unidos em um só pensamento, o de louvar o santo. Muitos gritam: Viva o guerreiro! E logo se escuta um coro, em resposta: Viva!

Os fogos começam a estourar sem cessar e as pessoas parecem estar em um transe coletivo. Muitos fazem suas orações e pedidos, outros agradecem à graça recebida, muitos também choram. Neste momento pode-se observar um grande número de crianças que estão acompanhadas de seus pais. Muitos homens, e grande parte deles jovens, mulheres, e famílias. É possível observar um grande número de famílias, que reunidas agradecem as graças alcançadas. Chega um momento em que todos entoam um cântico onde é repetida a seguinte frase:

“Glória, glória, aleluia, louvemos ao senhor!”.



Figura 15 - Devotos durante a missa da alvorada / interior da igreja

São 05h05 da manhã e termina a queima de fogos, dando início a missa. Consigo observar que na vestimenta do padre, na sua batina, existe uma inscrição, na verdade este símbolo se trata da imagem de São Jorge, bordado na lateral das suas vestes. Neste momento o padre começa um sermão onde ele pede que *todos os fiéis vistam a armadura de Deus*. Ele fala também a respeito da falta de caráter que acomete a nossa sociedade, e como consequência, isto é retratado pela falta da verdade da população em relação as suas ações e sentimentos.

Não observei na fala do padre Marcelino um discurso predominantemente católico, parece que até mesmo o padre consegue observar seu público eclético, o que o faz manter uma fala ecumênica. Já nos momentos finais da missa ele cita que as atitudes da sociedade estão passando por um processo de banalização, aonde o amor em relação ao seu próximo vem perdendo o sentido.

Chegando ao fim da celebração da missa, padre Marcelino pede a todos os fieis que celebrem em paz e que a harmonia entre os homens possa prevalecer, com o fim da missa da alvorada, temos o início das comemorações na igreja de Quintino. Salve Jorge! A festa vai começar...



Figura 16 - Missa da alvorada – amanhecer



Figura 17 - Encerramento da missa da alvorada – amanhecer do dia 23 de abril.

Figura 18 - Momento da bênção dos objetos, fim da missa da alvorada. Descida lateral da rampa da igreja.



Produtos vendidos durante a festa – Camisas, velas e flores



### 3.4 A festa como Bem Cultural e as relações de consumo no espaço social

*Momentos sociais de erupção das atividades humanas em todos os campos da percepção e da representação da existência de um grupo... É por meio das festas que os homens reafirmam laços de solidariedade e compromissos de todos com a comunidade. Ao fazê-lo, constroem suas identidades sociais e sua condição humana.*

*(MAZOCO, 2007, p.6).*

A representatividade da festa de São Jorge é expressa por meio de uma intensa carga simbólica que a diferencia de uma festa comum, onde são expressos valores e sentimentos que foram adquiridos ao longo dos anos e que agregam marcas subjetivas resultado de uma memória coletiva vivenciada por meio da comunhão de interesses comuns.

A expressiva característica híbrida de cunho sócio cultural presente no espaço desta festa é caracterizado por uma manifestação popular, e nos dá suporte na construção reflexiva deste trabalho.

A diversidade que compõe este território híbrido de interesse coletivo tanto pela sua construção, quanto pela sua instituição, legitimada pelos frequentadores locais - aqui considerados como uma construção resultante das práticas e das representações dos agentes que compõem o território - que surge da expressão de uma manifestação urbana, e viabiliza a festa como um bem cultural, onde o culto ao santo é observado como um bem simbólico.

Desta forma, propus analisar a festa de São Jorge através dessa rede de significações e ressignificações, da qual também faz parte, a relação de consumo e valores praticados por seus frequentadores neste espaço.

Além dos aspectos ritualísticos e simbólicos é possível observar ainda a possibilidade e o surgimento de uma nova economia urbana, sustentada pela informalidade, que opera valores culturais, valores simbólicos e valores de mercado em um campo onde as relações são mediadas pela fé e limitadas de acordo com a proximidade dos agentes e suas práticas.

A festa na paróquia de Quintino envolve além de inúmeros fiéis que passam pela igreja para pedir a proteção do santo - estimam-se segundo informações da

SEOP – secretaria especial de ordem pública cerca de 150 mil pessoas nos três dias de festa, dados coletados nas comemorações de 2012 -, o surgimento e possível articulação de uma economia informal onde são comercializadas em decorrência da fé inúmeras lembrancinhas que remetem a São Jorge, além de alimentos, bebidas, entre outros tantos produtos. Possibilitando mesmo que de forma pontual o surgimento de uma economia urbana na localidade. Neste comércio alternativo podemos observar desde terços com santinhos e orações até blusas customizadas pela arte do Graffiti, que trazem a imagem do santo como destaque.

*A economia informal desempenha um papel vital nessas economias urbanas em desenvolvimento. Aqueles empregados informalmente nos centros urbanos trabalham como vendedores ambulantes, recicladores ou trabalhadores domiciliares. Os trabalhadores informais incluem trabalhadores assalariados fora do padrão, assim como empresários e autônomos produzindo mercadorias e serviços legais, apesar de por meios irregulares ou não regulamentados. A economia informal é uma grande fonte de emprego, mercadorias e serviços para grupos de baixa renda e está ligada à economia formal – para qual ela produz, comercializa, distribui e presta serviços*

*Cidades inclusivas*

*([http://www.inclusivecities.org/pt/descricao\\_geral.html](http://www.inclusivecities.org/pt/descricao_geral.html)).*

A paróquia, que atualmente é dirigida pelo padre Marcelino, há 63 anos realiza a festa em homenagem ao orago. Durante o meu trabalho de pesquisa mantive mais contato com o padre Marcelino e alguns paroquianos ligados as pastorais e que frequentam a igreja com certa assiduidade. Este grupo também participa do movimento que organiza a festa e são moradores dos arredores.

De acordo com as informações repassadas por padre Marcelino existem atualmente aproximadamente 70 paroquianos voluntários que participam da organização da festa dentro dos muros da igreja. As barracas que ficam fora do pátio da igreja não são de responsabilidade e nem organizadas pela paróquia. Estes voluntários organizam a disposição das barracas no pátio interno da igreja,

assim como as missas que são celebradas de hora em hora, a procissão, além de se dividirem nas barracas para a venda de produtos diversos como: gêneros alimentícios, flores, velas, artigos de devoção, entre outros que tem a renda revertida para as obras sociais da igreja.

*As festas populares organizam o coletivo em torno da sua produção que envolve dias, meses e, em alguns casos, até todo o ano em encontros e discussões e planejamento quanto à realização. Nessas ocasiões os indivíduos praticam a sociabilidade, se harmonizam, se unem. Porque só o homem faz festa, cria, crê e ritualiza sua existência e sua interpretação de mundo.*

*(MAZOCO, 2007, p. 7).*

Junto à organização da igreja, desde 2010, a prefeitura do Rio de Janeiro apoia de forma mais contundente a organização do espaço da festa e seus arredores. Por intermédio da Prefeitura do Rio de Janeiro, a Secretaria Especial de Ordem Pública, disponibiliza aproximadamente cerca de 650 funcionários entre: agentes de segurança, policiais militares, guardas municipais e equipamentos como duas ambulâncias em pontos estratégicos além de paramédicos para o suporte aos acontecimentos da festa. (números coletados na festa de 2012)

Cabe ressaltar a fragilidade deste campo ao qual proponho esta pesquisa, a festa realizada pela igreja de Quintino. Dada à efeméride, a festa só ocorre uma vez ao ano, durante três dias. Mesmo acompanhando toda a estrutura de produção – que dura cerca de oito meses -, o que poderia nomear como a pré-produção do evento, a pesquisa fica condicionada a este curto espaço de observação dos festejos in loco.

Muito se tem a falar sobre a questão da economia informal no espaço da festa de São Jorge realizada pela igreja de Quintino Bocaiúva. Questão está que tratarei de forma mais específica futuramente, como objeto de estudo da minha pesquisa de mestrado.

Os frequentadores da festa, em geral os devotos do santo, formam quase que inconscientemente uma instituição sem muros, arregimentada pela fé de cada

indivíduo. Esta instituição regida pela devoção é alimentada por grupos sociais distintos, que se diferenciam não só pela doutrina religiosa que adotam, assim como pela condição sócia econômica que os define, embora, mesmo que eventualmente ocupem o mesmo espaço físico.

Utilizarei na minha narrativa e durante todo este trabalho a definição de Espaço Social segundo a ideia de campo utilizada por Bourdieu, como descrita na publicação Razões Práticas sobre a teoria da Ação, e também abordarei os aspectos de como os indivíduos consomem o espaço social – estando esta análise pautada pela lógica da fé.

Segundo Bourdieu, podemos entender o espaço social (BOURDIEU, PIERRE, 2007) por meio da observação das diferenças existentes nas histórias coletivas, onde conseguiremos analisar as distintas relações variáveis de acordo com a observação das estruturas singulares reproduzidas.

*Espaço social – é da historia comparada, que se interessa pelo presente, ou por uma antropologia comparativa, que se interessa por uma determinada região cultural, e cujo objetivo é apanhar o invariante, a estrutura na variante observada.*

*...tais como os princípios de construção do espaço social ou os mecanismos de reprodução desse espaço e que ele acha que pode representar em um modelo que tem a pretensão de validade universal. Ele por, assim, indicar as diferenças reais que separam tanto as estruturas quanto as disposições (o habitus) e cujo princípio é preciso procurar, não na singularidade das naturezas – ou das “almas” -, mas nas particularidades de histórias coletivas diferentes (BOURDIEU, 2007, p. 15).*

O que gostaria de ressaltar é que apesar das condições sociais não igualitárias e ainda das práticas religiosas distintas dos grupos que participam da festa, esses indivíduos: católicos, umbandistas, candomblecistas e espiritualistas de uma forma geral, interagem entre si e se apropriam do espaço físico, reivindicando ainda a ocupação simbólica deste território.



*As diferentes posições no espaço social correspondem também diferentes estilos de vida, processos que retraduzem simbolicamente as diferenças objetivas inscritas nas condições de existência, correspondentes às trajetórias dos sujeitos. (DOMINGUES, 2011, p.7).*

Esta tensão nos remete a uma disputa velada pela apropriação do espaço simbólico e ordena uma mediação pelo protagonismo social, onde são articuladas novas redes de significativos, construídas por meio da transculturalidade presente nesta manifestação popular. Este território híbrido cria um espaço social representativo, onde o coletivo projeta as distinções sociais existentes.

*As noções do espaço social, de espaço simbólico ou de classe social, não são, nunca, examinadas em si mesmas e por si mesmas, são utilizadas e postas a prova em uma pesquisa inseparavelmente teórica e empírica que a propósito de um objeto bem situado no espaço no tempo. (BOURDIEU, 2007, p. 14).*

É neste espaço social que o culto ao santo se reafirma como um bem simbólico. Os símbolos, para a ocorrência da transmissão de mensagens, precisam ser compartilhados, ter uma significação em comum para várias pessoas, neste caso os devotos de São Jorge.

### *3.5 Ocupando o território – a ação do ordenamento público*

O ordenamento do espaço público implementado na festa de São Jorge desde 2010, exerce influência direta na forma pela qual são viabilizadas as relações sociais praticadas no ambiente da festa. Este ordenamento pode regulamentar de forma negativa ou positiva as trocas simbólicas existentes na festa, assim como a relação de partilha no espaço.

Em decorrência do ordenamento do espaço público as ações podem se tornar mais competitivas ou ainda homogêneas no que tange as práticas comerciais, estabelecidas pelas relações de consumo tanto pelo seu valor, quanto por sua diversidade. Podemos observar o consumo como um mediador das práticas e das relações sociais estabelecidas entre os agentes no espaço da festa.

O consumo neste caso vai suprir uma necessidade subjetiva, que tem na devoção a sua feramente que a leva a fé, ultrapassando as fronteiras sociais; possibilitando a formação das subjetividades presente na religiosidade.

Consumir no espaço social da festa pode ser entendido como detentor de significados para os indivíduos. Mais do que fazer parte da festa, consumir o que ela oferece permite ao agente a identificação com o bem ou até mesmo ser identificado por ele através da representação das emoções, sensações e experiências vivenciadas.

O ato de consumir está presente em diversas dimensões de nossa vida social que por vezes passa sem a nossa percepção. E dentro desse espaço, agimos de acordo com nossos critérios de escolha que são definidos pela nossa cultura e que nos definem socialmente. Podemos observar o consumo como valor cultural e como mediador de prática e das relações sociais estabelecidas no espaço da festa.

Em decorrência deste ordenamento, pode-se observar um processo de Institucionalização da fé. Usarei este termo, ou melhor, categoria para denominar as intervenções que compõem o conjunto de normas que estabelecem regras de convívio. Esta interseção é feita de forma hierárquica, de cima para baixo, através da SEOP - Secretaria Especial da Ordem Pública - que desde 2010 atua com mais rigor na adoção de práticas normativas do espaço.

Esta prática tem como objetivo ocupar de forma a ordenar, segundo a SEOP o

espaço físico no entorno da igreja, assim como garantir a segurança e a fluidez das vias de acesso ao bairro de Quintino.

*Festa de São Jorge em Quintino terá ruas interditadas e desvio*

*Nesta quinta-feira, dia 23, para a Festa de São Jorge na igreja de Quintino Bocaiúva, das 15h às 19h, o tráfego será interditado em trechos da Rua Clarimundo de Melo, entre as ruas Bernardo Guimarães e Padre Telêmaco, e de outras três vias próximas: Rua Padre Telêmaco, entre as ruas Clarimundo de Melo e Ernani Cardoso; Ruas Elias da Silva, entre a Rua Nerval de Gouveia e o Viaduto Compositor Wilson Batista; e Rua Nerval de Gouveia, entre as ruas Bernardo Guimarães e Elias da Silva.*

*No mesmo horário, para realização da procissão, o tráfego será desviado: da Rua Ernani Cardoso para a Avenida Amaro Cavalcanti, os veículos deverão seguir pelo Viaduto Washington Luiz, Avenida Dom Hélder Câmara, ruas da Pedreira, Goiás, Euzébio de Matos, Praça dos Garis, Rua Manuel Vitorino, Praça Sargento Eudócio Passos e Rua Clarimundo de Melo; da Rua Clarimundo de Melo para a Rua Ângelo Dantas, o roteiro será pelas ruas Assis Carneiro, Elias da Silva, Viaduto Compositor Wilson Batista, ruas Goiás e Cupertino, Avenida Dom Hélder Câmara e Viaduto Washington Luiz; até meia-noite de quinta-feira, exceto no horário da procissão, o tráfego da Rua Clarimundo de Melo para a Avenida Amaro Cavalcanti seguirá pelas ruas Bernardo Guimarães, Nerval de Gouveia, Elias da Silva e Assis Carneiro.*

*Conforme portaria da Coordenadoria de Regulamentação e Infrações Viárias, dia 17, no Diário Oficial do Município, até 20h desta quinta-feira, fica autorizado estacionamento de veículos leves na Rua Clarimundo de Melo, entre as ruas Bernardo Guimarães e da República*

*(OREPORTER.COM, 2012, online)*

Além de regular a ocupação do espaço físico, este processo também delibera o licenciamento para a exploração comercial - venda de produtos alimentícios e artigos religiosos - na Rua Clarimundo de Mello, principal acesso a igreja de Quintino. As barracas onde são vendidos os diversos produtos ficam dispostas ao longo da rua, e desde 2010, foram padronizadas. Para conseguir esta licença é feito um sorteio pela SEOP onde 60 barraqueiros são contemplados. É este comercio alternativo/informal que potencializa o aparecimento de uma economia urbana em torno da festa.

A prática do ordenamento estabelece as regras de convívio no território da festa, onde as relações são determinadas de forma hierarquizada a partir do intervencionismo do Estado. Estas decisões são deliberadas sem a participação da comunidade, dos comerciantes autônomos e do comércio local, ficando totalmente alheios a negociação na ocupação do espaço público.

Segundo informações da secretaria, a ação do ordenamento tem como objetivo melhorar as condições dos frequentadores da festa, permitir a fluidez no transito e garantir a segurança da população.

Durante o meu trabalho de campo pude constatar através das entrevistas realizadas que nem todos os trabalhadores pensam desta forma. Foram realizadas dez entrevistas com barraqueiros de diferentes pontos da festa.

Dos dez barraqueiros entrevistados, apenas um concorda que após o ordenamento suas condições de trabalhos obtiveram melhorias. A título de informações, este barraqueiro é que tem o melhor ponto, pois sua barraca é a primeira após a área isolada pela SEOP. A fim de organizar melhor o espaço a SEOP só libera a montagem das barracas a aproximadamente 400 metros de distância da igreja. Como as barracas ficam dispostas de forma linear este posicionamento não favorece as barracas que ficam mais distantes da área permitida para montagem. Ou seja, quem está mais perto da linha inicial da montagem das barracas e conseqüentemente mais próxima da igreja consegue atingir consideravelmente um volume maior de consumidores.

Os outros nove entrevistados consideram que esta organização prejudica suas vendas, pois o deixam muito distantes da igreja.

Após o sorteio, os barraqueiros ainda precisam cumprir uma série de exigências para que a licença de exploração do espaço seja concedida. E dentro

dessas exigências está o pagamento de taxas para o licenciamento que são elas: água, luz, IPTU e vigilância sanitária, além da padronização das barracas. Todas essas taxas custam ao comerciante em média cerca de R\$ 950,00. O que pude observar na fala dos trabalhadores da festa foi um repúdio a ação do estado pela falta de diálogo não estabelecido entre as partes integrantes da festa. E neste caso a ausência de mediação faz com que o uso do espaço tenha proporções desiguais.

Neste momento pude observar a ausência de uma articulação que pudesse equalizar ambas as vozes e suas perspectivas, penso que a figura do produtor cultural pode ser de grande relevância nos processos de ordenamento que envolva manifestações culturais, como esta em questão, a festa de São Jorge.

*A operação Choque de Ordem nos festejos de São Jorge em Quintino, zona norte do Rio de Janeiro, realizada por agentes da SEOP (Secretaria Especial da Ordem Pública), neste sábado (23), multou 60 veículos e rebocou 26 por estacionamento irregular. De acordo com a SEOP, foram apreendidos com ambulantes não autorizados 30 flores, 86 camisas e mil fitas. Participaram da ação em Quintino: 12 Agentes de Controle Urbano da SEOP, 132 guardas municipais e 20 reboques. A organização e padronização das barracas autorizadas pela Secretaria Especial da Ordem Pública, além da fiscalização intensa no entorno das igrejas de São Jorge em Quintino proporcionaram, pelo segundo ano consecutivo, mais conforto, segurança e tranquilidade aos devotos e moradores das áreas – disse Marcelo Maywald, subsecretário de Controle Urbano da SEOP, que acompanhou a operação. A montagem das 60 barracas padronizadas para os festejos em Quintino foi definida através de sorteio público promovido pela prefeitura do Rio, por meio da Secretaria Especial da Ordem Pública. (PORTAL R7, 2012, online)*

Uma mediação eficiente e democrática, pautada no diálogo das partes envolvidas, tanto o poder público, quanto barraqueiros e comerciantes locais,

poderia minimizar transtornos e potencializar o comércio da localidade. Desta forma, seria possível proporcionar maior fluidez na organização do espaço com o objetivo de priorizar o que se tem de mais precioso. Uma manifestação popular de intenso caráter cultural que legitima o modo de fazer de toda uma comunidade. A dos devotos de São Jorge.

#### **4.0 - Considerações Finais**

A proposta desta monografia foi de abordar como objeto de estudo a festa de São Jorge, o rito, o culto e o bem simbólico por meio das relações sociais de proximidade entre os frequentadores da festa e as relações de proximidade e consumo produzidas no espaço físico da Igreja e suas imediações.

Esta manifestação foi escolhida como tema de pesquisa em primeiro momento muito pelo apelo carismático que este santo produz não só na localidade como no estado do Rio de Janeiro. É bem certo afirmar que São Jorge é aclamado em outras partes da cidade como a região da Leopoldina, no centro do Rio e por outros bairros da zona norte da cidade como: Vila Valqueire, Abolição, Madureira e ainda a região da Baixada Fluminense.

Retomo esta questão até por que acredito na sua relação direta com a aclamação do santo por grande parte da população. Esta problemática é evidenciada e reforçada pela ideia de ter sido Jorge um grande guerreiro do exercito romano, jovem e destemido, vencedor de inúmeras batalhas, segundo relatos da doutrina católica e no decorrer dos anos, legitimado pelos seus fiéis. De fato, seria este o representante que todo e qualquer povo anseia na resolução dos seus problemas. São Jorge surge como o cavaleiro ou melhor o guardião guerreiro que de certa forma todos gostariam de ter sempre ao seu lado.

A ideia de falar a respeito das comemorações em Quintino foi uma escolha de certa forma afetiva e muito pautada também pela tradição dos festejos no bairro. Como dito anteriormente a festa é realizada há mais de 60 anos na região e agrega como frequentadores não só os moradores do bairro como devotos vindos de todo o estado do Rio de Janeiro.

É inegável o poder simbólico que a figura do santo guerreiro evoca perante aos seus devotos e simpatizantes que vão desde os jovens, até famílias inteiras unidas pela fé. Durante os três dias da festa, foi possível observar que os frequentadores do território consomem o espaço social através da lógica da fé de diferentes formas de acordo com o seu repertório e modo de vida, fazendo uso do seu próprio código simbólico.

Na primeira etapa deste trabalho, onde abordei a historiografia do santo, procurei descrever de forma breve a trajetória de São Jorge. Onde, a priori, já é

possível observar grande parte da força agregada a sua imagem. Imagem esta que fica marcada pela construção da trajetória de um verdadeiro herói que nasce da legitimidade em que reside a força do povo.

Foi possível observar que este heroísmo está diretamente ligado ao imaginário e a moralidade popular dos seus devotos. Heroísmo e moralidade, não seriam estes valores tão escassos e tão necessários nas relações pessoais de boa parte da nossa sociedade nos dias atuais? Padre Marcelino diz que sim, e cobrou esta postura – aos devotos de Jorge - durante a homilia, na missa em homenagem ao santo.

Durante o trabalho de pesquisa pude perceber que existe uma relação de proximidade direta do culto ao santo com grande parte dos seus devotos, e isso possibilita e impulsiona possíveis desdobramentos que permeiam as práticas sociais e as associações híbridas nas relações estabelecidas no espaço da festa.

Não tão somente pela sua proporção no dia 23 de abril, mais ainda pelas vertentes sociais e culturais observadas neste evento, como: o culto ao santo como um bem simbólico, a festa como um bem cultural, o rito, o sincretismo religioso e o possível aparecimento de uma economia urbana marcada pela informalidade. Todas estas variantes sociais mediadas pela lógica da fé e hoje influenciadas através das práticas e ações do ordenamento público.

São Jorge está em um nível de divindade que o deixa bem próximo dos seus devotos, seu culto é carregado de elementos simbólicos, seja no uso das cores vermelho e branco, no toque da alvorada, na queima de fogos, nas aclamadas rodas de samba durante os dias de festas, nas feijoadas e na cerveja que é bebida em sua homenagem. Independente das práticas do catolicismo, esfera a qual São Jorge faz parte, quem vai a Quintino para celebrar o santo passeia entre o sagrado e o profano e em muitos casos nem se dá conta que faz parte de toda uma rede sincrética de associações.

O feito heroico de São Jorge em renunciar a sua própria vida em virtude da sua crença, a superação dos seus próprios limites e da dor física, o idealismo e a nobreza do seu caráter, a atitude de defesa em relação aos mais fracos e o senso de justiça, inspiram modelos arquetípicos presentes em várias culturas, cultos e religiões distintas, muito próprio da nossa cultura. Para entendermos mais claramente a relação do modelo arquetípico podemos utilizar o conceito adotado por Newton Cunha.



*Habitualmente, um arquétipo tende a ser protagonista ou herói, cujas qualidades de maior evidência, assim como os esforços empreendidos, as conquistas obtidas ou sofrimentos vividos delineiam as virtudes mais reverenciadas ou ao contrário, simbolizam os piores vícios, as mazelas ou perigos encontrados pelas necessidades coletivas de regras morais, de convivência ética, segurança ou estabilidade social. (Cunha, 2003, p.25).*

A inspiração heroica surge muitas vezes através da problemática imposta por um ambiente ou situação adversa, cuja solução exija um feito grandioso ou um esforço extraordinário, tal qual o sacrifício da própria vida, neste caso específico, que culminará com a morte, canonização e o surgimento de um novo santo. Desta forma Jorge morre para o mundo e renasce na figura de santo, aclamado e venerado por seus devotos.

Ao pensar a festa como um bem cultural me refiro à questão da imaterialidade. Podemos classificar como imaterial os bens de natureza cultural que nos remetem a práticas, domínios de saberes, celebrações, expressões culturais, a modos de vida que abordam práticas culturais coletivas. Segundo a definição da UNESCO, adotada pelo IPHAN.

*As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (UNESCO, 2003, p. 4)<sup>5</sup>*

Complementando a questão, para Pedro Vives (2007), podemos definir um bem cultural através da sua utilidade pública e também por seu conteúdo simbólico. Interagindo com o patrimônio material ou imaterial de um grupo ou

---

<sup>5</sup> Convenção ratificada pelo Brasil em 1º de março de 2006

sociedade.

É perceptível que a festa promove uma rede onde estão presentes articulações sociais, culturais, simbólicas e um grande número de devotos e simpatizantes. Muitos dos frequentadores não vão somente à igreja para louvar o santo, é perceptível que o grande público busca a oração mais também deseja participar dos atrativos que a festa propõe, como as inúmeras rodas de samba, as feijoadas vendidas nos bares e barracas, a compra de objetos com a figura do santo. É de extrema importância, para os frequentadores da festa e devotos do santo fazer parte deste território e consumir os seus produtos, sejam eles tangíveis ou intangíveis.

Consumir, ter para si, legitima ainda mais a devoção e faz com que o indivíduo sinta-se parte integrante deste ritual. Como produtora cultural e pesquisadora, pude observar em Quintino um grande potencial para o desenvolvimento de um circuito cultural que articula uma prática religiosa carregada de elementos sincréticos, unidos por meio do culto a um santo. Onde o profano e o sagrado se unem e deixam evidente um modo muito particular de se viver e fazer no subúrbio carioca. Salve Jorge!

## Referências Bibliográficas

- ADORNO, T. *Prismas. Crítica cultural e sociedade*. Trad. Augustin Wernet e Jorge Almeida. São Paulo: Ática, 1998.
- AMARAL, A. “Esta Bienal reflete a arte contemporânea?”. *O Estado de São Paulo*, 21/10/2008, Caderno 2, p. D8-9.
- AMARAL, Rita. *Xiré! O modo de crer e viver no candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- BARBOSA, Andréa. *Antropologia e imagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- BOURDIEU, P. “O mercado de bens simbólicos”. In: *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2007, pp. 99-181.
- BOURDIEU, P. *A distinção: Crítica social do julgamento*. Trad. Daniela Kern; Guilherme Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Trad. Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.
- COELHO NETTO, José Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- CUNHA, Newton. *Dicionário SESC: A linguagem da cultura*/Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva: São Paulo, 2003.
- DA MATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil*. Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
- DINIZ, Campolina Clélio; LEMOS, Borges Mauro. *Economia e Território*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- DOMINGUES, João. *A cultura dos “Coitados”*: trajetória social e sistema de arte. (Trabalho apresentado no 34º encontro Anual da Anpocs, 2011, p.7).
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*: tradução Plínio Dentzien. 1. Ed. 2. Reimpr. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- DROOGERS, André. *Dialogue and Syncretism: An Interdisciplinary Approach*. Amsterdam: William B. Eerdmans Publishing Co. and Editions Rodopi; Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1989.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*: tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FEATHERSTONE, M. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. Trad. Júlio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. LTC. Rio de Janeiro. 1989.

MAGALHÃES, Aloísio. *E triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Roberto Marinho/Nova Fronteira, 1997.

MAZOCO, Eliomar Carlos. *Festa e artesanato em terras do Espírito Santo*. IPHAN, CNFCP, 2007. Rio de Janeiro.

OREPORTER.COM. *Rio*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<http://www.oreporter.com/detalhes.php?id=1594#ixzz1q4HohhNV>> Acesso 13 abr 2013

Portal R7. *Choque de Ordem multa 60 carros em festejos de São Jorge, na zona norte do Rio*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/choque-de-ordem-multa-60-veiculos-na-zona-norte-do-rio-20110423.html>> Acesso em 15 abr 2013

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

SARAVIA, Enrique. *Notas sobre as indústrias culturais ? Arte, criatividade e economia*. Revista Observatório Itaú Cultural/ IC ? n. 1 (jan./abr. 2007). – São Paulo, SP: Itaú Cultural, 2007, p. 29-33.

UNESCO. *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Paris: UNESCO, 2003. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>> Acesso em 20 abr 2013.

VIVES, Pedro A. *Glosario crítico de gestión cultural*. Granada: Junta de Andalucía/Editorial Comares, 2007.